



Mutuna: Analogias ao Preconceito nas Histórias dos X-Men¹

Felipe Rocha de OLIVEIRA²

Tales Augusto Queiroz TOMAZ³

Centro Universitário Adventista de São Paulo, Engenheiro Coelho, SP

RESUMO

O presente artigo trata de como as histórias em quadrinhos dos X-Men estão ligadas ao tema do preconceito e a luta contra o mesmo. Existe alguma semelhança entre o período inicial de publicações da revista e o pensamento americano da época em relação às minorias? Levando em conta que as histórias em quadrinhos são uma forma de arte, este estudo faz uso da estrutura de sentimento do pesquisador e ficcionista Raymond Williams para analisar as edições em que o tema proposto é mais claramente retratado, tentando, desta forma, tornar possível a visualização da relação entre a obra em si e o pensamento da sociedade na época em que o material foi escrito. O foco desta pesquisa se concentra nas publicações entre 1963 a 1975, trabalhando principalmente com os temas do racismo da década de 60 e o feminismo da década de 70.

PALAVRAS-CHAVE: X-Men; Preconceito; Minorias; Racismo; Feminismo.

INTRODUÇÃO

Os X-Men foram criados na década de 1960, na chamada “era de prata” dos quadrinhos, um período no qual os EUA viviam num contexto de grande rejeição contra as minorias. Suas histórias mostravam um grupo que tentava ajudar a sociedade, mas sofria grande preconceito pelo fato de seus membros possuírem um gene mutante, que os diferenciavam dos seres humanos comuns. Este artigo se dedicará a analisar de que maneira o preconceito lúdico apresentado nas histórias narradas dessa HQ (histórias em quadrinhos) correspondia à realidade social como vivida nos EUA.

Nesse contexto, algumas perguntas são levantadas: Em que sentido os X-Men refletiam o preconceito americano em relação às minorias sociais? Como se deu a evolução da abordagem a respeito deste tema ao longo dos anos de publicação?

¹ Trabalho apresentado no IJ 06 – Interfaces Comunicacionais do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 19 a 21 de junho de 2015.

² Estudante de Graduação 7º semestre do Curso de Comunicação Social pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp). Contato: felipe.rocha.oliveira@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, com bolsa da Capes. Professor de Comunicação Social do CentroUniversitário Adventista de São Paulo (Unasp). Coordenador do Grupo de Estudos em Cibercultura e Comunicação(GECCOM/Unasp). Contato: talestomaz@gmail.com



Para responder essas questões, optou-se por uma análise documental, utilizando-se como fonte primária diversas edições das HQ's dos X-Men, selecionadas por apresentar alguma analogia com um ou mais dos diversos tipos de preconceito. Como arcabouço teórico, se optou pela utilização da proposta de estrutura de sentimento, teoria que faz parte da escola dos Estudos Culturais, e foi desenvolvida por Raymond Williams.

Ele, por sua vez, “foi um escritor que transitou entre a crítica literária e dramática, o ensaio teórico, a análise sociológica, a militância e a ficção” (TAVARES, 2008, p. 12), sendo considerado um dos pioneiros (ou mesmo pai) dessa importante corrente teórica. Uma de suas contribuições foi a criação do conceito da estrutura de sentimento, que, de acordo com Filmer (2009, p. 371), “é empregado particularmente para mostrar o sentido de literatura na articulação de alternativas para as visões dominantes de mundo, e, conseqüentemente, para a política da mudança social”.

Filmer (2009) cita que o próprio Williams teve dificuldades com a ideia de estrutura de sentimento, precisando refinar esse conceito ao longo de suas obras até conseguir um conceito mais central, com a literatura e a arte sendo as fontes primárias em suas relações com os processos sociais gerais. Ainda de acordo com ele, é impossível definir a estrutura de sentimento com um só trecho do pensamento de Williams, mas se observa ao menos duas características contínuas:

em primeiro lugar, sua especificidade empírica histórica. A estrutura é sempre a do sentimento real, ligado à particularidade da experiência coletiva histórica e de seus efeitos reais nos indivíduos e nos grupos [...] Em segundo lugar, este conceito está mais acessível na arte e na literatura de um período, embora ele possa ser encontrado também em livros de história social ou de cultura do pensamento, daqueles que nem dominam e nem cujos interesses são satisfeitos primariamente pela ordem social e institucional estabelecida [...] A relação imaginativa entre essas duas características quer dizer que as estruturas de sentimento são geradas através da interação imaginativa e das práticas culturais e sociais de produção e resposta (FILMER, 2009, p. 373).

O emprego desse método de análise permitiu que Williams falasse sobre temas opostos, como “teoria e empirismo, materialismo e idealismo, determinismo e autonomia, estrutura e ação, objetivismo e subjetivismo, estruturalismo e culturalismo, cultura popular e de minorias” (FILMER, 2009, p. 374) sem se enredar neles. O método da estrutura de



sentimento se consiste nos “modos de estudar a estrutura, trabalhos de arte e formas, mas também formas e relações de vida social mais abrangentes” (WILLIAMS, 1980, p. 20).

De acordo com os estudos de Filmer, a atenção aos detalhes das obras de arte e suas reflexões com os contextos sociais em que são produzidas são a característica distintiva da obra de Williams. Isso é facilmente aplicável ao nosso objeto de estudo quando consideramos HQ's uma importante categoria de obra de arte (WRIGHT, 2001). Para Meskin (2007), se faz necessário que os quadrinhos sejam tratados seriamente como arte, e Eisner (1985) aponta ainda que, além de ser arte, as histórias em quadrinhos unem dois importantes artifícios de comunicação: a palavra e a imagem. Ele defende que, para ser compreendida, a HQ requer uma existência de ‘atributos comuns’⁴ a serem transmitidos ao leitor. “Isso demanda do quadrinista um entendimento da experiência de vida do leitor, se ele deseja que sua mensagem seja compreendida” (EISNER, 1985, p. 13, tradução livre).⁵

As histórias em quadrinhos são constantemente recontadas e reformuladas, como uma manifestação da cultura em que estão inseridas (KREMER, 2010, p. 68), e “podem ser usadas para expressar ideias que outros gêneros não poderiam descrever como elas” (COOGAN, 2006, p. 231). Por esta razão, a estrutura de sentimento, que se constitui em um recenciamento dos temas e abordagens nas obras de artes de um determinado período histórico passado se demonstra um método válido para a análise das relações entre a HQ dos X-Men e o contexto social no qual ela foi desenvolvida.

UMA ANALOGIA ÀS MINORIAS

Os X-Men não são uma equipe típica de super-heróis (LYUBANSKY, 2008). Ele diz que, apesar da HQ envolver superpoderes e a luta contra vilões, “em sua essência, os X-Men estão menos para os superpoderes e mais para tendências humanas de temer e odiar aqueles que são diferentes, e as várias formas de lidar com essas tendências” (LYUBANSKY, 2008, p. 76, tradução livre).⁶ O autor apresenta as palavras de Chris Claremont, roteirista de longa data dos mutantes: “Os X-Men são odiados, temidos e desprezados coletivamente pela humanidade por nenhuma outra razão além de serem mutantes. Deste modo, o que

⁴ No original, “commonality”.

⁵ “This demands of the sequential artist an understanding of the reader’s life experience if his message is to be understood”.

⁶ “At their soul, the X-Men are less about superpowers and more about human tendencies to fear and hate those who are different, and the various ways we deal with such tendencies”.

temos aqui, intencionalmente ou não, é um livro que trata de racismo, intolerância e preconceito” (CLAREMONT, 1982 *apud* LYUBANSKY, 2008, p. 76, tradução livre).⁷

Quando falamos a respeito dos X-Men, é importante ressaltar que, apesar de ter uma equipe original formada homogeneamente por membros caucasianos, o conceito da preocupação com o preconceito estava presente desde a primeira edição. Casey (2008) diz que quando lemos as HQ's dos X-Men estamos, de fato, lendo a respeito de racismo e intolerância.

Figura 1: Charles Xavier explica a Jean Grey o motivo da criação de sua escola. (Uncanny X-Men #1, 1963)



Como apresentado na figura 1, o Instituto Xavier era “o centro de uma crescente comunidade de mutantes, uma alternativa para a sociedade hostil que existia do lado de fora de suas portas” (SANDERSON, 2006, p. 9, tradução livre).⁸ Os X-Men foram tratados como heróis nas duas primeiras edições da revista, mas, apenas três números depois, a intolerância se torna mais clara, quando, por duas vezes, uma multidão tenta linchar os mutantes (Uncanny X-Men #5 e #8, 1963).

A HQ dos X-men na década de 60 era uma “alegoria sobre relações entre raças, com mutantes perseguidos da mesma forma que os afro-americanos na América pré-direitos civis” (SKIR, 2008, p. 22, tradução livre).⁹ De acordo com Jones (1973), na América antes dos direitos civis, ocorreram de fato diversos episódios de ataques contra negros, como o caso de Autherine Lucy, que “foi aceita na universidade exclusivamente branca de Alabama, mas

⁷ “The X-Men are hated, feared, and despised collectively by humanity for no other reason than they are mutants. So what we have here, intended or not, is a book that is about racism, bigotry, and prejudice”.

⁸ “The center of a growing community of mutants, an alternative to the hostile society that lay outside its doors”.

⁹ “An allegory about race relations, with mutants persecuted in the same manner as African Americans in pre-civil rights America”.

foi suspensa apenas em quatro dias, depois de violências coletivas na escola” (JONES, 1973, p. 36). Reforçando essa ideia sobre o preconceito nos EUA, Rose (1968) defende em seu livro “Negro: o dilema americano” a teoria do racismo como um círculo vicioso: “O preconceito e a discriminação dos brancos mantém os negros em posição inferior nos padrões de vida, na saúde, na educação, nas maneiras e na moral. Isto, por sua vez, sustenta o preconceito dos brancos” (ROSE, 1968, p. 70).

A edição 14 da HQ é um marco, sendo o estopim deste ódio contra os mutunas¹⁰. Nela, o cientista Bolivar Trask faz uma declaração pública alegando que, se não fossem controlados, os mutantes dominariam a humanidade. Esse fato se torna manchete nos principais jornais, intensificando ainda mais o ódio da população. Tentando responder às acusações, o professor Xavier marca um debate com o Dr. Trask na televisão e expõe um discurso sobre como os mutantes são iguais ao resto da humanidade (figura 2). Na sequência, são introduzidas as Sentinelas, robôs que o governo havia desenvolvido para caçar os mutantes e, efetivamente, “os X-Men passam a ser tratados como párias desde então” (SANDERSON, 2006, p. 15, tradução livre).¹¹

Figura 2: Primeiro discurso público do professor Xavier a respeito dos mutantes, que foi seguido pela rejeição da população e apresentação das Sentinelas. (Uncanny X-Men #14, 1963)



¹⁰ Termo comumente utilizado ao longo da HQ, com o qual os cidadãos depreciavam os mutantes.

¹¹ “the X-Men have been treated as outcasts ever since”.

O professor Xavier utilizava-se de discursos pacíficos a respeito de igualdade para tentar defender a causa mutante, mas havia quem não acreditasse nesses métodos, agindo de uma forma mais agressiva e radical (figura 3). Erik Lehnsherr (Magneto) foi uma criança que sobreviveu ao holocausto judeu, mas perdeu toda a sua família. Para Caillava, essa base semita é crucial na formação do personagem, pois isso define melhor os motivos por trás de suas atitudes (CAILLAVA, 2008, p. 99).

Figura 3: Magneto se apresenta diante de diversos líderes mundiais, ameaçando-os e exigindo os direitos dos mutantes. (Uncanny X-Men #150, 1981)



Lyubansky (2008), Caillava (2008) e Trushell (2004) compartilham da mesma opinião quando dizem que, enquanto os mutantes representavam os grupos oprimidos, os seus líderes também representavam, de certa forma, os que estavam à frente das causas dessas minorias:

Mais especificadamente, é bastante aceito pelos fãs que Charles Xavier e Magneto representam as filosofias do Dr. Martin Luther King J. e Malcolm X, respectivamente. Este argumento pressupõe que, como King, Charles Xavier trabalha por relações melhores entre humanos e mutantes, ‘sonhando’ com a paz, aceitação e integração, enquanto, em contraste, Magneto é um militante “racista-reverso” que, tendo perdido a fé no não cumprido ‘sonho’, luta pela libertação do seu povo por todo meio necessário (LYUBANSKY, 2008, p. 86, tradução livre).¹²

¹² “More specifically, it is widely accepted by X-Men fans that Charles Xavier and Magneto represent the philosophies of Dr. Martin Luther King Jr., and Malcolm X, respectively. This argument posits that, like King, Charles Xavier works for better relations between humans and mutants, ‘dreaming’ of peace, acceptance, and integration, while, in contrast, Magneto is a militant ‘reverse-racist’ who, having lost faith in the unfulfilled ‘dream’, fights for the liberation of his people by any means necessary”.



A equipe original dos X-Men havia mostrado adolescentes americanos como super-heróis, mas, em 1975, a HQ dos X-Men passou por uma reformulação e passou a apresentar uma equipe étnica e racialmente diversa (Giant-Size X-Men #1, 1975), contando com novos integrantes como Wolverine (canadense), Colossus (russo), Noturno (alemão), Tempestade (afro americana), Pássaro Trovejante (nativo americano), Solaris (japonês) e Banshee (irlandês). Com isso, a revista podia transmitir melhor a ideia de tolerância e multiculturalismo (LYUBANSKY, 2008, p. 76-77). Além da questão da multiculturalização dos X-Men, com esse novo leque de personagens, os autores poderiam trabalhar mais a respeito de suas individualidades (TRUSHELL, 2004, p. 157).

Lasch diz que os anos 60 foram uma “era de comprometimento e revolução cultural”, enquanto a década de 70 “logo ganhava a reputação de auto absorção e alienação política” (LASCH, 1991, p. 237, tradução livre).¹³ Por outro lado, Foner mostra em seu livro “A história da liberdade americana”, que aqueles que lutavam pelos direitos dos “grupos prejudicados – negros, mulheres, gays, beneficiários de programas sociais, grupos étnicos, idosos, deficientes” (FONER, 1999, p. 303, tradução livre)¹⁴ na década de 60, se tornaram “defensores da ideologia de crescimento pessoal na ‘autocentrada década’¹⁵ de 1970” (TRUSHELL, 2004, p. 157, tradução livre).¹⁶ Refletindo a realidade, os dois membros originais que ainda permaneceram na equipe (Ciclope e Professor Xavier) continuaram a endossar o reconhecimento e aceitação igualitária dos mutantes diante da sociedade, enquanto os novos X-Men eram muito críticos ao processo político de legislação (TRUSHELL, 2004, p. 157).

UMA POSTURA FEMINISTA

Além da abordagem da luta contra o preconceito racial, outro importante ponto que pode ser observado nas HQ’s dos X-Men é a mulher sendo reproduzida como uma figura forte e determinada. Já na primeira edição do título, é possível ver Jean Grey (até então, única integrante feminina da equipe) impondo sua igualdade quando seus companheiros tentaram trata-la de forma desrespeitosa (figura 4). Ela era a clara representação de uma

¹³ “Age of commitment and cultural revolution”, “Soon gained a reputation for self-absorption and political retreat”.

¹⁴ “Aggrieved groups – blacks, women, gays, welfare recipients, ethnic groups, the elderly, the handicapped”.

¹⁵ No original, “me decade”.

¹⁶ “Advocates of the ideology of personal growth in the ‘me decade’ of the 1970s”.

mulher “culta e gentil, mas resistente e firme como prego quando precisava ser” (COOPER, 2008, p. 186, tradução livre)¹⁷

Figura 4: Jean Grey representava a figura de uma mulher forte e decidida. (Uncanny X-Men #1, 1963)



A ideia de igualdade das mulheres em relação aos homens estava de fato presente desde a primeira edição dos X-Men, mas, na reformulação da HQ em 1975, isso se tornou ainda mais evidente. “As mutantes femininas não apenas são espertas e auto-confiantes em posições de liderança, elas também se mostram fisicamente iguais, se não superiores às suas contrapartes masculinas em todos os meios possíveis” (COOPER, 2008, p. 184, tradução livre).¹⁸ Reforçando ainda mais essa ideia de igualdade dos gêneros, é interessante notar que os integrantes masculinos da equipe nunca demonstraram se sentir desconfortáveis em ter mulheres como suas aliadas em missões (COOPER, 2008, p. 186).

Oro Munroe (Tempestade) é uma personagem que ilustra bem a visão feminista nas HQ's dos X-Men. Ela apareceu pela primeira vez em uma história intitulada “Gênese mortal”, onde vivia no Quênia como uma deusa, usando seus poderes mutantes de controlar o clima para trazer chuva às tribos (Giant-Size X-Men #1). Quando ela se uniu aos X-Men, a reação dos integrantes masculinos da equipe foi diferente à que se passara com Jean Grey,

¹⁷ “Cultured, genteel, but resilient and tough as nail when she had to be”.

¹⁸ “Not only are the female mutants smart and self-confident in leadership positions, they are also shown as physically equal if not superior to their male counterparts in every meaningful way”.



tratando-a com um respeito quase matriarcal. Sendo considerada a X-Men com um dos poderes mais potencialmente destrutivos, ao longo das HQ's é possível ver a naturalidade com que isso "a permitiu suceder [Ciclope] como líder da equipe" (COOPER, 2008, p. 189, tradução livre).¹⁹ A abordagem do poder da mulher nesse período das HQ's dos X-Men representava as feministas da época, que lutaram explicitamente pela igualdade de seus direitos com os do sexo masculino (CONNEL, 1998).

CONCLUSÃO

Numa época em que estavam sendo lançadas diversas novas HQ's de super-heróis, os X-Men chegaram com uma proposta que procurava fugir do padrão – transmitir a representação de uma minoria que era desfavorecida e perseguida. Sendo uma forma importante de arte, as HQ's podem ser analisadas com base no sistema de estrutura de sentimento de Raymond Williams, que nos permite fazer uma comparação entre "a consciência empírica de um grupo social particular e o mundo imaginário criado pelo autor" (GOLDMAN, 1980 *apud* FILMER, 2009, p. 376).

Abordando diversos tipos de preconceitos e as lutas contra os mesmos, a revista sempre tentava mostrar que não é possível que alguém não fosse um mutante, refletindo a ideia que, da mesma forma, não é possível "fazer alguém deixar de ser gay, mulher, ou uma pessoa de cor" (COOGAN, 2009, p. 86, tradução livre).²⁰

A luta em favor dos direitos das minorias ainda não chegou ao seu fim, assim como os mutantes nas HQ's dos X-Men continuam buscando seu espaço e reconhecimento na sociedade. Por fim, a mensagem principal que a revista passa é que, da mesma forma que ocorre nas HQ's com os mutantes, quando as pessoas deixarem de considerar as minorias como uma ameaça, não existirá mais razão para que elas as temam e as odeiem.

REFERÊNCIAS

CAILLAVA, Marie-Catherine. Magneto the jew. In: WEIN, Len. (Ed.). **The unauthorized X-Men: SF and comic writers on mutants, prejudice and adamantium**. Dalas: Benbella Books Inc., 2008.

CASEY, Joe. Playing God and discovering my own mutanity. In: WEIN, Len. (Ed.). **The unauthorized X-Men: SF and comic writers on mutants, prejudice and adamantium**. Dalas: Benbella Books Inc., 2008.

¹⁹ "Allows her to succeed him as team leader".

²⁰ "To will oneself into not being gay or female or a person of color".



- CONNEL, Drucilla. **At heart of freedom: feminism, sex and equality.** New Jersey: Princeton University Press, 1998.
- COOGAN, Peter. **Superhero: the secret origin of a genre.** Austin: MonkeyBrain Books Publication, 2006.
- COOPER, Carol. Leading by example: the Tao of women in the X-Men world. In: WEIN, Len; (Ed.). **The unauthorized X-Men: SF and comic writers on mutants, prejudice and adamantium.** Dalas: Benbella Books Inc., 2008.
- EISNER, Will. **Comics and sequential art.** Tamarac, FL: Poorhouse Press, 1985.
- FILMER, Paul. A estrutura do sentimento e das formações socioculturais: o sentido de literatura e de experiência para a sociologia da cultura de Raymond Williams. **Estudos de Sociologia**, v. 14, n. 27, p. 371-396, 2009.
- FONER, Eric. **The story of American freedom.** London: Picador, 1999.
- JONES, James M. **Racismo e preconceito.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1973.
- KREMER, Nick. This is not your forefather's Thor: using comics to make mythology meaningful. **SANE Journal**, v. 1, n. 1, p. 60-83, 2010.
- LASCH, Christopher. **The culture of narcissism.** New York: Norton, 1991.
- LYUBANSKY, Mikhail. Prejudice lessons from the Xavier Institute. In: ROSENBERG, Robin S.; (Ed.). **The psychology of superheroes: an unauthorized exploration.** Dalas: Benbella Books Inc., 2008.
- MESKIN, Aaron. Defining Comics? **The journal of aesthetics and art criticism**, v. 65, n. 4, p. 369-379, 2007
- ROSE, Arnold. **Negro: o dilema americano.** São Paulo: Editora IBRASA, 1968.
- SANDERSON, Peter. **X-Men: the ultimate guide.** New York: DK Publishing, 2006.
- SKIR, Robert N. X-ing the rubicon: how Marvel's Mighty Mutants conquered animation... and the world! In: WEIN, Len; (Ed.). **The unauthorized X-Men: SF and comic writers on mutants, prejudice and adamantium.** Dalas: Benbella Books Inc., 2008.
- TAVARES, Hugo Moura. Raymond Williams: pensador da cultura. **Revista Ágora**, n. 8, p. 1-27, 2008.
- TRUSHELL, John. American dreams of mutants: the X-Men 'pulp' fiction, science fiction, and superheroes. **Journal of popular culture**, v. 38, n. 1, p. 149-168, 2004.
- WILLIAMS, Raymond. **Problems in materialism and culture: selected essays.** London: Verso, 1980.
- WRIGHT, Bradford W. **Comic book nation: the transformation of youth culture in America.** Baltimore: The John Hopkins University Press, 2001.